

**Boletim**  
**Estudos**  
**Clássicos**



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

**A MINERVA SEV DE CAVSIS LINGVAE LATINAE  
(SALAMANCA, 1587), DE FRANCISCO SÁNCHEZ DE LAS  
BROZAS (1523-1600) – III**

**2.3. Figuras de Sintaxe**

As figuras de sintaxe são, para o Brocense, “anomalías o desigualdad de las partes de la oración que se hacen por defecto, por hipérbole, por discórdia, por inversão de ordem” (*Ibidem*: 317). Todas estas integram, segundo Lausberg, o grupo das *figurae elocutionis* (Cfr. Lausberg 1982: 165-215), mas o importante nesta análise é o facto de Sánchez apenas apresentar seis tipos, pois as restantes pertencem, não à gramática nem, por consequência, à língua, mas à retórica — à literatura, diríamos hoje —. Assim, o Brocense, nas anomalias por defeito, apresenta a elipse e o zeugma; por hipérbole, o pleonasma; por discórdia ou análage, a silepse; e, por inversão, o hipérbato.

A elipse, que é a falta de uma ou várias palavras em construção correcta da frase, é a figura de eleição para o gramático salmantino, a que dedica algumas dezenas de páginas. O fundamental desta teoria é inspirado ns ideias de Linacro (1460-1524), que “amplió en gran medida y sistematizó (...), convirtiendo la elipsis en un apartado esencial de su teoría gramatical” (Jiménez 1997: 55, nota 15).

Para Sánchez, a elipse só existe se a história da língua, com base nos seus melhores autores, e a competência linguística do gramático comprovarem a existência dessa palavra ou grupo de palavras:

Yo enseño que solamente se han de suplir aquellas cosas que la veneranda antigüedad suplió o aquellas sin las que la razón gramatical no puede permanecer firme. Ninguna lengua existe que no ame la brevedad en el decir, y cualquier cosa se dice más ingeniosamente por medio de una expresión, en la que se dejen muchas cosas por entender (Brozas 1976: 318).

Assim, Francisco Sánchez de las Brozas, baseado fundamentalmente na filosofia de Platão, Aristóteles e em alguns dos melhores gramáticos anteriores, como Prisciano e Linacro, estabeleceu algumas regras da elipse

para se entender melhor a língua latina, das quais seleccionamos as que consideramos mais significativas.

A primeira das quais tem a ver com o nome cognato. Para o Brocense não é possível a existência de nenhuma frase se esta não tiver, pelo menos, sujeito (nominativo) e predicado (verbo), os dois elementos fundamentais em qualquer língua, *sc.* matéria e forma, mesmo tratando-se de todos os verbos que anteriormente haviam chamado impessoais activos e passivos e de natureza ou fenómenos naturais (Cfr. *Ibidem*: 320). A segunda regra refere-se ao acusativo cognato de alguns verbos activos, considerados como absolutos por alguns gramáticos anteriores, mas, para evitar o pleonasma, não se coloca. No entanto, quando este for acompanhado de adjectivo é obrigatória a sua inclusão, como *hilarem vitam vivis* (vives uma vida alegre) e *bonum certamen certavi* (lutei uma grande luta) (Cfr. *Ibidem*: 320-321). Por outro lado, sempre que a língua tenha falta de um nome com a mesma raiz do verbo, pode recorrer-se a um infinitivo cognato, isto é, ao infinitivo do mesmo verbo, como *vadit vadere* (marcha), *pergit pergere* (prosssegue), *caret carere* (carece) e *ambulat ambulare* (passeia). Para o Brocense, este tipo de construção era muito frequente em hebraico e grego, mas menos usado em latim, ainda que pelos melhores autores, como Catão, Plauto, Terêncio, Cícero, Vergílio e Tito Lívio (Cfr. *Ibidem*: 321-322).

Se depois de um verbo substantivo, *sc.*, de significação indefinida, vier um adjectivo ou um nome em genitivo, é necessário que se entenda o mesmo nome em nominativo (sujeito), como *hoc pecus est regis* (este gado é do rei), isto é, *hoc pecus est pecus regis* (este gado é gado do rei), e *Cicero est albus* (Cícero é branco), *i. e.*, *Cicero est homo (Cicero) albus* (Cícero é um homem (Cícero) branco) (Cfr. *Ibidem*: 322-323).

Se aparentemente houver um genitivo dependente de um adjectivo, como *minimas [res] rerum discordia turbat* (a discórdia perturba as coisas mais pequenas) e *multos [milites] militum amisit* (enviei muitos soldados), porque só os substantivos é que podem reger genitivo, então estamos na presença da elipse de um substantivo. No entanto, em genitivos deste tipo, *sc.*, partitivos, para além do substantivo que se deve entender, falta o complemento preposicional *ex numero* (do número de, de entre), ou seja, as frases anteriormente citadas, para ficarem completamente explícitas deveriam expor-se da seguinte forma: *minimas res ex numero rerum discordia turbat* (a discórdia perturba as mais pequenas coisas de entre as coisas) e *multos milites ex numero militum amisit* (enviei muitos soldados do número dos soldados). Nos comparativos e superlativos é usual faltar também o mesmo sintagma,

como *maior fratrum* (o maior dos irmãos) e *belluarum prudentior* (a mais prudente das bestas), mas, em alguns dos melhores autores, o complemento *ex (de) numero* está presente, como demonstrou Sánchez, ou seja, o genitivo partitivo nunca é regido pelo superlativo, comparativo ou mesmo positivo, mas por um substantivo que está elidido. Poderíamos, juntamente com Tomás Linacro e Francisco Sánchez, sistematizar esta regra da seguinte forma: quando falta um substantivo com uma preposição, como diante de um genitivo partitivo, se subentende o sintagma *ex* ou *de numero* (Cfr. *Ibidem*: 234-325).

Especificamente sobre o recurso à elipse, Rogélio Romeo, conclui que

de ésta, Sánchez de las Brozas se sirve sistemáticamente para explicar ciertas realizaciones anómalas respecto de la estructura sintáctica: todo verbo tiene una relación de concordancia con un nominativo sujeto (*suppositum*), si no se materializa en el enunciado se debe sobrentender — como en los verbos impersonales —; todo verbo es transitivo, por lo que si se realiza en la oración sin complemento directo, se debe a la elisión del acusativo; todo ablativo lleva preposición, de forma que, en los que aparezcan en el enunciado sin ella, forzosamente se subentenderá; etc. (Romeo 2002: 4).

O zeugma é, para o Brocense, uma figura de construção que “existe cuando a un solo verbo se refieren muchas oraciones, de suerte que si se coloca sola cualquiera de ellas se echa de menos el elemento verbal” (Brozas 1976: 417). Sánchez nega a sustentabilidade da divisão tradicional do zeugma em prozeugma, mesozeugma e hipozeugma. Para ele, sempre que haja uma omissão do mesmo verbo, há simplesmente zeugma e isto resulta para tornar a frase mais elegante (Cfr. *Ibidem*: 418-419).

Pleonasmo é, para o Brocense, uma figura de construção em que se acrescenta algo a uma frase quando esta já está perfeitamente concluída. Há, por isso, pleonasmo se, por exemplo, aos adjectivos no grau comparativo ainda se acrescentar o advérbio *magis*, como *magis beator* (mais feliz) e *magis dulcius* (mais doce); se aos adjectivos no grau superlativo também se acrescentar o advérbio *longe*, como *longe doctissimus* (o mais sábio); se não se respeitar a elipse do acusativo cognato, como *pugnam pugnare* (combater o combate) e *vitam vivere* (viver a vida), mas não haverá, na perspectiva de Sánchez, se esse acusativo for acompanhado por um adjectivo, como *longam vitam vivere* (viver uma vida longa) e *hunc furorem furere* (enfurecer-se deste modo). O Brocense também considera que há pleonasmo se se disser *vidi*

*oculis* (vi com os olhos), mas já não o é se for *vidi his oculis* (vi com estes olhos) (Cfr. *Ibidem*: 420).

A silepse (ou *conceptio*) é, para Francisco Sánchez, a figura de construção em que há falta de concordância em género e / ou número entre os substantivos e os adjetivos, quer estes desempenhem a função de atributo quer de predicativo. Há silepse de género quando se expressa um género e se espera outro, do tipo *duo importuna prodigia, quos...* (dois prodígios desfavoráveis, que...), Cíc., e *duodecim millia signati* (doze mil assinalados). Para o Brocense, também há uma silepse de género sempre que o adjetivo tem uma terminação formalmente diferente do substantivo epiceno, como, v.g., *elephantus grávida* (um elefante [fêmea] grávida) e *nova miles* (uma nova soldado). Há, por outro lado, silepse de número, se, em vez do singular, pensamos no plural ou vice-versa, como, por exemplo, *coepere se quisque magis extollere* (todos começaram a elevar-se), Sal.. Ainda pode haver silepse de género e número sempre que a falta de concordância for em género e número concomitantemente, do tipo *maxima pars ab equitibus in flumen acti* (a parte mais numerosa conduzidos ao rio pelos cavalos), Tito Lívio (Cfr. *Ibidem*: 421-424).

O hipérbato ou hipérbase é a perturbação da ordem gramatical da frase. Sánchez divide-o em cinco partes: a anástrofe, a tmese, o parêntese, a sínquise e o anacoluto (Cfr. *Ibidem*: 424-425). A anástrofe consiste, para o Brocense, na inversão da ordem normal das palavras, do tipo preposição + (pro) nome: *mecum* (\*cum me), *tecum* (\*cum te) e *secum* (\*cum se); nome antecedente + pronome relativo: *quibus de rebus* (*de rebus quibus* = das coisas com as quais). A tmese é a separação de uma palavra indissociável com a introdução de uma segunda no seu “interior”, como *septemque triones* (septentrionesque = e o Setentrião), *magno te orabat opere* (*magnopere te orabat* = pedia-te muito insistentemente). O parêntese consiste numa interposição do sentido do discurso antes que este se acabe, como *Tityre dum redeo* (*brevis est via*) *pasce capellas* (Títiro, enquanto regresso — o caminho é curto —, apascenta as cabrinhas). A sínquise é uma alteração bastante acentuada da ordem normal das palavras na frase, tornando-a bastante confusa, do tipo *quinquaginta ubi erant centum inde occidit Achilles* (*ubi erant centum, inde occidit quinquaginta* = quando havia cem, matou Aquiles cinquenta). Anacoluto significa, segundo o Brocense, que “não está de acordo com”, de forma que há a inversão gramatical do sujeito da frase, como, por exemplo, *praetor interea, ne pulchrum se ac beatum putaret, atque aliquid ipse sua sponte loqueretur, ei quoque carmen compositum est* (entretanto o

pretor, para não se considerar bonito e feliz, e falar algo espontaneamente, um poema foi-lhe composto), Cícero.

O Brocense ainda apresenta, como figura de construção, a antiptose ou helenismo, apesar de não a ter integrado em nenhuma das categorias anteriores e ter referido que

la antiptosis (...) son partos monstruosos de los gramáticos” (*Ibidem*: 317). Apesar disso, para o gramática salmantino, “hay helenismo o construcción griega cuando los autores escriben de manera que, aunque siguen la lengua griega, no puede afirmarse que no escriban en absoluto según la norma latina. Linacro distingue muchas clases de helenismos, nosotros nos ocupamos tan sólo de la antiptosis porque ella sola parece que aparta de las reglas de la lengua latina (*Ibidem*: 425-426).

Para o Brocense, ao contrário de muitos gramáticos coevos seus e anteriores, não se pode usar qualquer caso em vez de outro, com a desculpa de que os gregos assim faziam. No entanto, há construções, não latinas, mas usadas pelos escritores de Roma, a imitar determinados idiomatismos gregos, como a atracção de um caso por outro, do tipo *de verbis quibus [quae] dixi* (das palavras que falei) e *utor quibus [quos] habeo libris* (uso os livros que tenho). Também por antiptose se considera a atracção de um género por outro, como, v.g., *vidi templum, quale [qualis] est mons* (vi um templo como um monte) e *est stella qui [quae] Mars dicitur* (existe uma estrela que é chamada Marte). Também é possível um determinado caso ser atraído pelo verbo, como *metuo fratrem [frater] ne intus siet* (temo que o meu irmão esteja dentro) e *atque ego te [tu] faciam, ut miser sis* (e farei que sejas desgraçado). Um último caso de antiptose é o facto de os gregos habitualmente colocarem o sujeito de uma oração infinitiva antes do verbo e em nominativo, como, v.g., *aiunt rex [regem] hoc fecisse* (dizem que o rei fez isto) e *dicunt tu [te] esse dives [divitem]* (dizem que tu és rico). Daí que pareça normal e estilisticamente diferente a construção de frases do género *cupio esse clemens [clementem]* (desejo ser compassivo), *laboras doctus [doctum] videri* (procuras parecer sábio) (Cfr. *Ibidem*: 425-428).

#### 2.4. Didáctica da Língua Latina

Nas últimas páginas da *Minerva*, expõe Sánchez a sua opinião sobre o carácter que devia ter o ensino da língua latina. Apesar de educado em pleno humanismo, na senda de Erasmo (1467-1536) e, especificamente em

Espanha, de Luís Vives (1492-1540), que se inclinavam a aceitar o carácter oral dessa língua, ou seja, para aprenderem Latim teriam de falar em Latim, o Brocense tem uma posição contrária, defendendo que os alunos e professores deviam expor e falar na língua mãe dos mesmos, no seu caso específico, em Castelhana.

A sua argumentação parte do facto de haver, na sua opinião, pouquíssimos eruditos em toda a Europa a falar correcta e fluentemente a língua de Cícero. E, se o Latim, o Grego e o Hebraico são, todas elas, línguas de cultura, então, pergunta o Brocense, por que razão deve só a primeira ensinar-se através dela própria, sendo os resultados tão desastrosos, apresentando seis objecções a quem defende o contrário. Em primeiro lugar, a Columela, que dizia que nenhuma disciplina se havia de aprender sem erros e que eram o uso e a experiência que dominavam as artes, respondeu o Brocense que o Latim não é uma arte como quaisquer outras e, para o falar bem, não basta colocar correctamente as palavras latinas, mas respeitar toda a estrutura e estilo da mesma. E, para demonstrar a veracidade das suas palavras, apresenta uma lista de expressões ditas usualmente por quem falava a língua do Lácio, que não eram Latim, mas, quando muito, hispanismos, do tipo *\*primi in consilio*, por *consilii principes* (os principais do conselho) e *\*vigilant milites in monte*, por *speculantur de monte milites* (os soldados vigiam do monte) (Cfr. *Ibidem*: 487-488).

Uma outra objecção importante parece-nos ser a sexta, em que o Brocense analisa a necessidade de os falantes de várias nações terem uma língua comum em que se possam entender. A quem defende este argumento responde o autor da *Minerva* que não condena a língua latina, mas a venera e ama, e, por isso, nunca se devia falar Latim, em nenhuma idade ou tempo, porque são muitas as barbaridades cometidas e ele não aguentaria ouvir dizer *\*da mihi panem* (dá-me pão), por exemplo, já que “el buen estilo es el que hace el language” (*Ibidem*: 493).

### 3. Conclusão

A *Minerva ou acerca das causas da língua latina* (*Minerva seu de causis linguae Latinae*) de Francisco Sánchez de las Brozas, publicado em 1587, em Salamanca, é o resultado da maturidade linguística do gramático estremenho, que provocou uma ruptura epistemológica com os principais antecessores, em especial Lorenzo Valla (1407-1457), e rompeu definitivamente com a perspectiva tradicional dos conteúdos e das análises linguísticos da época. Ainda hoje o Brocense é bastante inovador e

---

controverso, em particular na análise que faz das partes da oração e da sintaxe latina.

Pode-se *inclusive* dizer que o Brocense tem uma base científica da linguística actual, ainda que pré-teorética, distinguindo claramente o *usus* da *ratio* e procurando as causas dos factos linguísticos. Breva-Claramonte afirma mesmo que “Sanctius distinguished between the rules of usage that cover a body of data and the rules that reveal the causes, or original «underlying structures»” (Breva-Claramonte 1975: 51). Hans Niederehe demonstra que a *Minerva* é a fonte da gramática geral port-royalina, afirmando mesmo que Lancelot tem as suas raízes nesta obra castelhana:

En aquel contexto donde Benito de San Pedro se refiere al «celebre Lancelot, autor del nuevo método de Puerto Real», explica acertadamente que la gramática de Port-Royal tiene sus raíces en España, en la famosa *Minerva* de Francisco Sánchez de las Brozas (...) y la celebra como punto de partida de su propia gramática (Niederehe 1999: 103).

Menéndez Pelayo trata-o como o pai da gramática geral e da filosofia da linguagem (Cfr. Pelayo 1880: 693) e Stéfanini, mais recentemente, como o verdadeiro fundador da gramática geral clássica:

Nous considérons Sanctius comme le véritable fondateur de la grammaire général classique: c’est une illusion patriotique qui fait accorder à la Grammaire de Port-Royal une place privilégiée que ne lui reconnaissent ni les historiens étrangers come Trabalza et Jellinek ni les grands grammairiens du XVIII e. s., Harris et Priestley (Stéphanini 1989: 105).

Por tudo isto, entendemos que Francisco Sánchez de las Brozas merece ser estudado e discutido, em particular por aqueles que se dedicam à análise e ensino da língua latina.

**Referências bibliográficas:** vide *BEC* 46 (Dez. 2006) 143-144.

GONÇALO FERNANDES